



## ESPAÇOS E VIVÊNCIA INTERSECCIONAL DE HOMENS GAYS NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PARANÁ

William Hanke

Mestrando em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais (GETE)

Marcio Jose Ornat

Professor Doutor Titular do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais (GETE)

Adriana Gelinski

Mestranda em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisadora do Grupo de Estudos Territoriais (GETE)

### RESUMO

Este trabalho busca compreender como a relação entre espaços e vivência interseccional de homens gays possibilitou à eles a construção de sentimentos de conforto e/ou desconforto, através de suas vivências em suas trajetórias de vida. Por meio de entrevistas com esses sujeitos e pela utilização da ferramenta metodológica chamada de *Relief Maps* a intenção é de evidenciar quais são esses espaços e como ocorrem tais sentimentos. Para isso, foram realizadas 6 entrevistas com gays entre 18 e 33 anos de idade, os quais responderam questionamentos sócio-informativos mas também, perguntas referentes as suas vivências cotidianas. Além disso, foi realizado a construção de seus *Relief Maps*. Tal metodologia auxilia no aprofundamento dessa compreensão espacial e interseccional. A interseccionalidade é compreendido nesta análise como um fator essencial, tanto no *Relief Maps*, quanto nas identidades desses sujeitos, pois entendemos que as identidades são constituídas por diferentes arranjos de categorias identitárias. Estas categorias, como a sexualidade, podem construir diferentes sentimentos em relação aos espaços que, ao representa-las, podem revelar a existência de espaços de conforto e/ou desconforto.

**Palavras Chave:** Espaço; Interseccionalidade; Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender como a relação entre espaços e vivência interseccional de homens gays possibilitou à eles a construção de sentimentos de

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



conforto e/ou desconforto, através de suas vivências em suas trajetórias de vida. Esta discussão nasceu a partir de uma outra pesquisa já realizada sobre o espaço escolar e o preconceito homofóbico (HANKE, 2013). Entretanto, naquele momento nosso interesse esteve orientado a alunos do ensino médio, com idade entre 15 e 18 anos, em seis instituições públicas de ensino, localizadas no espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná. Entendemos que a vivência escolar está presente em grande parte da vida dos seres humanos e que esta os compõem como pessoas sociais que vão formar e constituir a própria sociedade. Este espaço tem um grande papel na formação social destes sujeitos e se relaciona com as mais diversas vivências, dentre elas, as relacionadas a sexualidade. O que esta pesquisa evidenciou diz respeito ao fato de que a homofobia é um elemento constituinte do espaço escolar. Além disso, também demonstrou que este preconceito era maior em relação a homossexualidade masculina e que, os que mais concordavam com o preconceito eram os meninos.

Outro elemento se refere ao fato de que pouco se é trabalhado com temas relacionados as sexualidades e a homofobia na escola. Assim, a pretensão dessa discussão é de ir além, ampliando essa compreensão espacial e temporal pois esses gays estão cotidianamente vivenciando vários espaços ao longo de suas vidas e não, somente, o escolar. Com essas vivências espaciais e temporais, os sujeitos trazem consigo experiências que irão conduzir a problematização desta análise, bem como ajudar a compreender as suas realidades, seja através do processo da construção de suas identidades gays, ou ainda por meio da compreensão interseccional de suas vivências e experiências pelos espaços experienciados. São essas vivências e as suas próprias experiências que podem ocasionar situações de conforto e/ou desconforto, sofrendo diretamente ou indiretamente essas ações ou até mesmo violências, principalmente por meio de suas relações sociais.

Além da pesquisa já realizada, o meu convívio social com essas pessoas fez com que surgissem tais questionamentos e conexões entre gays e suas vivências, experiências espaciais em seu cotidiano. Assim, a intenção é identificar através das

Realização:



Apoio:



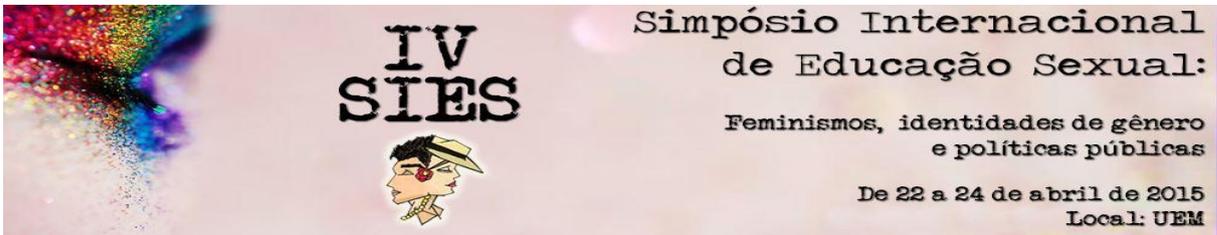
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



entrevistas com esses gays e por conseguinte suas experiências, a possibilidade de compreensao destes espacos segundo sentimentos graduados entre conforto e/ou desconforto e, na relaçao com sistemas de opressao, a elaboraçao de masculinidades, vivências sexuais, afetivas ou religiosas. A produçao desta pesquisa tende a dar inteligibilidade sobre este fenômeno e alimentar a construçao de outras Geografias, que respeitem e privilegiem a diversidade.

## **CONSTRUINDO ESPAÇOS: ENTRE SEXUALIDADE, IDENTIDADE E INTERSECCIONALIDADE**

Para esse momento de discussao tem-se por referencial empírico seis entrevista em profundidade, além da utilizaçao da ferramenta metodológica chamada de *Relief Maps*. Criada por Maria Rodó-de-Zárate (2013) o nome *Relief Maps* tem duplo sentido, tanto sendo um mapa de alívio, quanto um 'mapa de relevo'. Isso se deu pelo fato de que o resultado deste gráfico chama a atençao para uma metáfora onde pode visualizar formas de um relevo, como vales e colinas que correspondem a situaçoes de conforto e/ou desconforto de acordo com as vivências e experiências dos sujeitos. Segundo Corrêa (1993) o espaco urbano é fragmentado e articulado por relaçoes materiais e imateriais produzindo e reproduzindo o que é a sociedade. Considerarmos as preposiçoes de Corrêa (1993) e compreendermos que o espaco urbano é fragmentado por vários outros espacos, sejam eles do privado ao público e que estes podem se articular através da informaçao, transporte, mercadorias e pelas relaçoes sociais. Essas relaçoes podem ser entendidas como 'relaçoes imateriais'.

Assim, podemos compreender que as relaçoes espaciais estão nas mais diversas formas e escalas relacionais. Entre essas relaçoes, podem haver um ou mais elementos que vão influenciar certas decisoes espaciais e comportamentais entre as pessoas, como é o caso do preconceito homofóbico. Esse elemento enquanto um agente comportamental vai regular, condicionar ou até desconectar as relaçoes entre as pessoas heterossexuais e homossexuais, colocando-os em diferentes posiçoes espaciais, ora sendo centro e em outra margem. Com isso,

Realizaçao:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educaçao



Patrocínio:





podemos considerar que esta relação entre pessoas heterossexuais e as consideradas 'diferentes' podem resultar múltiplos sentimentos consideráveis. Dentre eles, o de conforto e/ou desconforto, reconhecendo assim uma das inteligibilidades para essa compreensão geográfica.

Massey (2008) vai argumentar que o espaço fora visto como algo fixo, atemporal e morto. Questionando este pensamento a autora afirma que o espaço é constituído por inter-relações e esfera de uma multiplicidade das mesmas sendo algo nunca finalizado, mas sempre em construção. Isso nos remete a compreensão de que os espaços não estão estatizados ou inertes, pelo contrário estão em constante movimento e transformação, movimento este acionado pelas relações sociais. Comprendemos que os espaços são fatos sociais, constrangendo as ações de indivíduos e grupos sociais. Sendo assim, uma sociedade desigual, preconceituosa e heteronormativa, pode também apresentar-se em seus espaços como desigualmente organizado, mas simultaneamente em condição à reprodução das mesmas relações de desigualdade, preconceito, regulação e de normatização.

Isto tem relação com as discussões de Butler (1999) a qual argumenta que a heteronormatividade são práticas regulatórias que, por sua vez, são práticas normativas resultantes de uma linearidade entre gênero, sexo e desejo. Essa linearidade regula as práticas sociais e os sujeitos, tornando-os 'gendrados' e assim, formando pessoas inteligíveis ou não, através dos espaços que estes vivenciam. Isto corrobora com aquilo que Valentine (1993) enuncia, sendo a heterossexualidade a sexualidade dominante no ocidente. Segundo a autora, isso não é definido apenas por atos sexuais em espaços privados. Vai além, tanto através das relações de poder quanto em espaços diários. Ou seja, os sujeitos gays vivenciam vários espaços diariamente como tantas outras pessoas. Contudo, não se vivencia as mesmas situações de conforto ou desconforto.

Valentine (1993) vai discutir que 'ser gay' foge das regras desses comportamentos sexuais e das estruturas familiares, como também da norma binária homem-mulher. Segundo a autora, estas normas são o resultado de configurações

Realização:



Apoio:

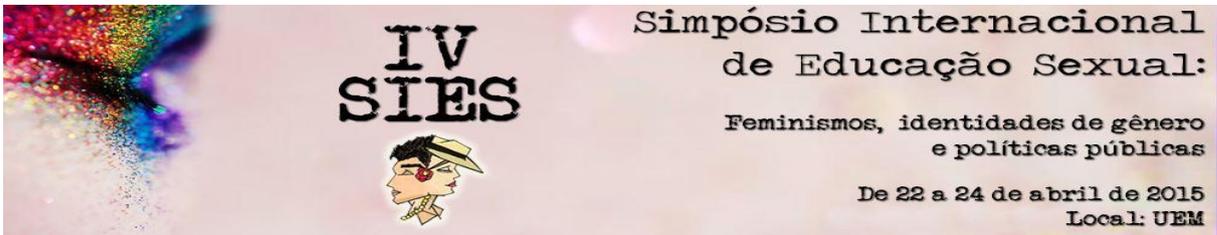


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





temporais e espaciais. Dessa forma, a sexualidade não é vista apenas por atos sexuais, mas também por relações de poder. À vista disso, algumas relações sociais concebem que ser 'normal' é ser heterossexual e nega-se a compreender todas outras formas de sexualidade que não seguem os 'padrões' sociais e espaciais estabelecidos.

São esses padrões que vão negar, marginalizar e agredir nas mais diversas atitudes preconceituosas, indo de uma 'simples brincadeira' até agressões físicas e morte. São essas produções e reproduções de desconfortos que vão ser problematizadas neste trabalho, pensando como essas pessoas gays sobrevivem em meio a tantas opressões e preconceitos. Para Louro (2004), dependendo das marcas que carregamos no corpo, podemos ser incluídos ou excluídos de determinados espaços, sendo aceitos, tolerados ou rejeitados. Por exemplo, o corpo de homem gay (não assumido) pode ser tolerado e até mesmo aceito nos espaços em que ele vivência, como ocorre, por exemplo, em alguns espaços públicos.

Porém, o mesmo corpo gay (assumido) pode passar por constrangimentos de olhares perversos, sorrisos de canto de boca, conversar paralelas, os quais, podem promover sentimentos de angustia, situações desconfortáveis e constrangedoras nos mesmos espaços. Isso faz com que o sujeito que sofre essas ações crie certos limites em suas vivências espaciais, mas também corporais, ou seja, evitando determinados espaços, por não se sentirem bem naquele local ou ainda evitando a transparência de sua sexualidade. Pensando especificamente a sexualidade, Louro (2004) relata que socialmente e culturalmente essas formas de pensar sexo e sexualidade são constantemente inseridas em nosso cotidiano. A autora relata que essas marcas são criações sociais 'humanas' e não são algo acabado ou estatizado, mas sim cabíveis de transformação. Ou seja, quando colocamos uma roupa azul em meninos e rosa em meninas estamos contribuindo para essa reprodução binária de sociedade. Ou ainda, quando apoiamos a violência física e verbal sobre os mais diversos corpos gays existentes.

Valentine (1993) vai argumentar que as heterossexualidades são dominantes na cultura ocidental e se colocam enquanto invisíveis, até que suas fronteiras sejam

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



transgredidas. Isso faz com que muitos gays ainda possuam em suas vivências espaciais uma sexualidade 'escondida', ou seja, são aqueles que não assumem sua sexualidade, seja por medo ou ainda na busca de um sentimento de 'conforto', mesmo que este seja por um pequeno momento ou em um determinado espaço.

O 'esconder-se' significa, muitas das vezes, estar no armário. No texto 'A epistemologia do armário' de Sedgwick (2007) a autora argumenta que 'o armário' marcou e ainda marca a vida de muitos gays e lésbicas, discutindo sobre as revelações dessas pessoas, sejam elas do privado ao público. Segundo essa autora, o armário daria forma as questões como valores ditados por heterossexuais e a própria epistemologia que são englobadas e discutidas na totalidade da sociedade contemporânea ocidental. Evidencia-se que assumir a sexualidade seja uma transgressão de fronteiras, tanto individual, como social e espacial. Relaciona-se a própria identidade do gay, sua vivência espacial e as suas mais variadas possibilidades de relações pessoais. Compreendemos o espaço enquanto relacional e que esta relação não se dá entre sujeitos pré-existentes, mas sim constituído também por discursos, fantasias e corporeidades (ROSE, 1999).

Esses espaços produzem certos comportamentos nos sujeitos que advêm, em muitas vezes, de discursos construídos socialmente, os quais também vão constituir o que é o sujeito. Pensar o corpo do indivíduo homossexual em um espaço onde o 'normal' é um corpo heterossexual, é observar discursos para com aquele outro corpo dito 'estranho'. São, a grosso modo, discursos taxativos, discriminatórios, preconceituosos e de rejeição a aquele corpo que não corresponde à uma hegemonia espacial.

Analisando a relação entre o espaço e o corpo do homem gay, segundo a proposição de Massey (2008), observamos que esses grupos de pessoas desenvolvem modos de incorporação pelo espaço e em seus próprios corpos e que, suas visões sociais de mundo contribuem em uma produção de estratégias de gestão aos desafios que possam surgir pelos espaços. Quando o gay não se assume ou quando se assume, o sujeito está criando estratégias em relação ao seu corpo para com esses espaços. Isso tem relação com aquilo que o sujeito assume

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



enquanto sua identidade. Assim, pensar identidade é compreender como esses homens gays adultos se assumem e como é esse processo seja, individual, familiar ou socialmente, para então compreender como é a relação da adaptação desse sujeito pelos espaços que ele vivência. Identificou-se nos seis sujeitos dessa pesquisa três processos que os indivíduos homossexuais passam ou passaram na construção da sua própria identidade gay, que são: descobrir-se, aceitar-se e adaptar-se.

Segundo Hall (2003), o sujeito pós-moderno seria aquele pela qual a identidade não irá mais seguir uma linearidade unificada. A partir disto, começa a se tornar fragmentado, não de uma única mas de várias identidades, 'algumas vezes contraditórias ou não resolvidas'. Segundo este autor, isso é resultado de mudanças estruturais e institucionais, pois o próprio processo de identificação de nossas identidades culturais é cambiante e problemático. É este processo então que produz o sujeito pós-moderno, o qual não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas móvel, transformada continuamente a partir das formas culturais que os rodeiam. Pensar o sujeito gay desenvolvendo sua identidade enquanto este perpassa pelos processos de descobrir-se, aceitar-se e adaptar-se, nada mais é do que, um sujeito desenvolvendo diversas identidades móveis que se transformam continuamente a partir das formas culturais, mas também pelas relações sociais e espaciais que ele vivencia. Com isso ele pode desenvolver as diversas categorias identitárias constituintes de sua própria identidade como, seu gênero, sua sexualidade, sua racialidade, sua classe social, sua religiosidade, sua idade, entre outras.

Porém, é no final da década de 80, quando alguns autores vão falar da importância de um novo paradigma, a 'interseccionalidade', e que este, foi desenvolvido enquanto uma ferramenta conceitual para compreender essas diferentes conexões entre as categorias que constitui o sujeito e suas próprias identidades. Segundo Valentine (2007) O conceito de Interseccionalidade foi introduzido no campo das ciências sociais e tem recebido pouca atenção dos geógrafos. Chamamos a atenção para uma das consideradas instigadoras a esse

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



conceito, Crenshaw (1991), a qual buscou compreender a relação entre racialidade e gênero de mulheres negras na produção científica, revelando uma crítica do feminismo da época.

Se existia uma produção feminista branca, heterossexual e de classe média, que visava seus direitos em relação ao Machismo e ao Patriarcado, priorizando assim a categoria identitária gênero/mulher, esquecia-se das demais como a racialidade, classe social, sexualidade, entre outras. Assim como as mulheres, a própria homossexualidade se comporta enquanto heterogênea e não como uma homogeneidade de grupo, pois se temos mulheres diferentes temos também gays diferentes. Para Valentine (2007) a interseccionalidade é analisada na forma como o indivíduo ou sujeito fica em uma “encruzilhada”. Segundo a autora, essa ferramenta consegue capturar essas diferenças e sua fluidez entre as categorias e os espaços, estas que não se encontram fixadas mas sim passíveis de movimento.

Tais movimentos acabavam se tornando abstratos na compreensão dos fenômenos estudados. Porém, é nesse momento que o *Relief Maps* se torna uma ferramenta metodológica muito importante para o conceito da interseccionalidade, uma vez que auxilia na redução da abstração dos movimentos das categorias identitárias pelos espaços e ainda, torna-as visíveis e didáticas como podemos observar na sequência. Ao apresentar essa ferramenta aos sujeitos tivemos que realizar três momentos, sendo que o primeiro está relacionado a entrevista em profundidade com questionamentos sócio econômicos, pessoais e de vivências cotidianas dos gays. Já o segundo seria o preenchimento de duas tabelas sobre os espaços que mais vivencia e os sentimentos atribuídos pelos espaços citados e, por fim a construção de seus *Relief Maps*. A pretensão nesse trabalho não é de discutir as tabelas, mas sim observar a construção dos Relief Maps e seus resultados. Por esse motivos, trazemos apenas um exemplo de cada tabela, apenas para uma ilustração de como é feita e preenchida, para em seguida observarmos os Relief Maps construídos pelos sujeitos.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



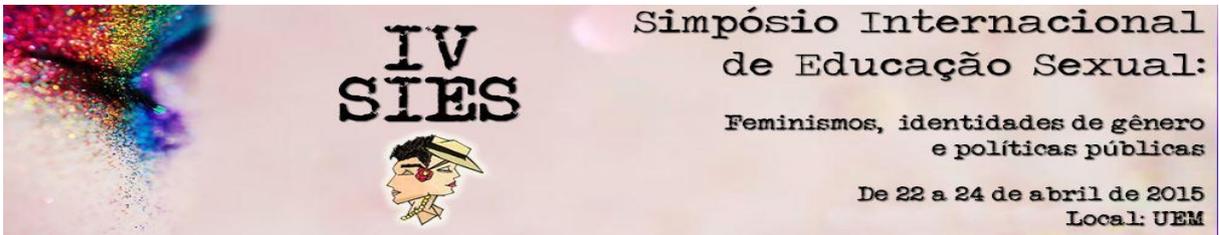


Tabela 1 - Principais Espaços de Vivência e as Categorias Identitárias

LOCAL	GÊNERO	SEXUALIDADE	ETNIA	CLASSE	IDADE	RELIGIÃO	AUTO-ACEITAÇÃO
Creche	masc.	Hetero	Branco	média	3-7 anos	Protestante	não
Escola	masc.	Hetero	Branco	média	7-18 anos	Protestante	não
Clubs (grupos de exclusão)	masc.	Hetero	Branco	média	1-15 anos	Protestante	não
Acampamentos	masc.	Hetero	Branco	média	13-14 anos	Protestante	não
Trabalho	masc.	Gay	Branco	média	14-33	Protestante	sim
igreja	masc.	Hetero	Branco	média	0-33 anos	Protest.	não
Cafeterias	masc.	Gay	Branco	média	18-33	Protest.	sim
Casa	masc.	Hetero/gay	Branco	média	0-20 anos 20-33	Protest.	sim
Paladas	masc.	Gay	Branco	média	20-33 anos	Protest.	sim.

Fonte: Tabela adaptada do texto de Maria Rodó-de- Zárte (2013).

Tabela 2 - Classificação dos espaços de acordo com os sentimentos atribuídos

Planilha 1		
LOCAIS DE MAL-ESTAR	LOCAIS DE NEUTRALIDADE	LOCAIS DE BEM-ESTAR
	Creche	
escola		
clubs		
acampamentos		
	Trabalho	
	igreja	
		Cafeterias
		casa
		Paladas
		Parques
		Viagens → Holanda
		Sociedade / comunidade Biblioteca / museu 1

Tabela sobre o sentimento dos locais do sujeito Ther.

Página 1

01/07/2014

Fonte: Tabela adaptada do texto de Maria Rodó-de- Zárte (2013).

Realização:



Apoio:



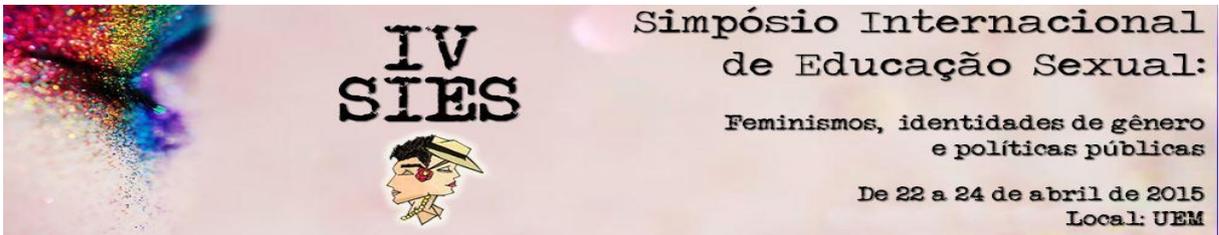
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



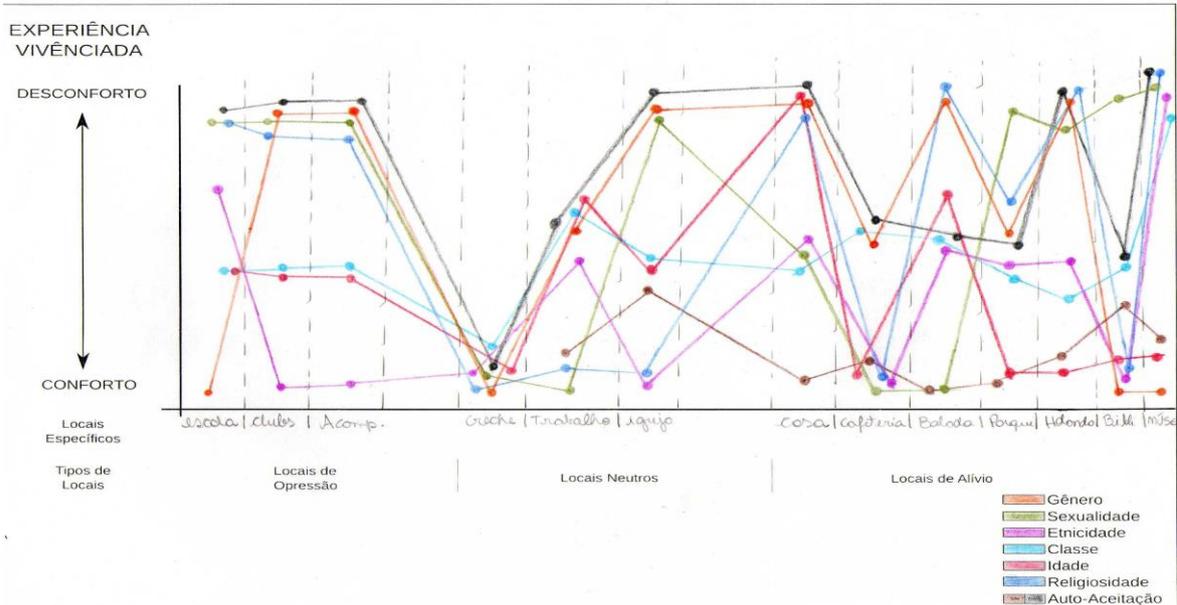
Patrocínio:



PlayBook

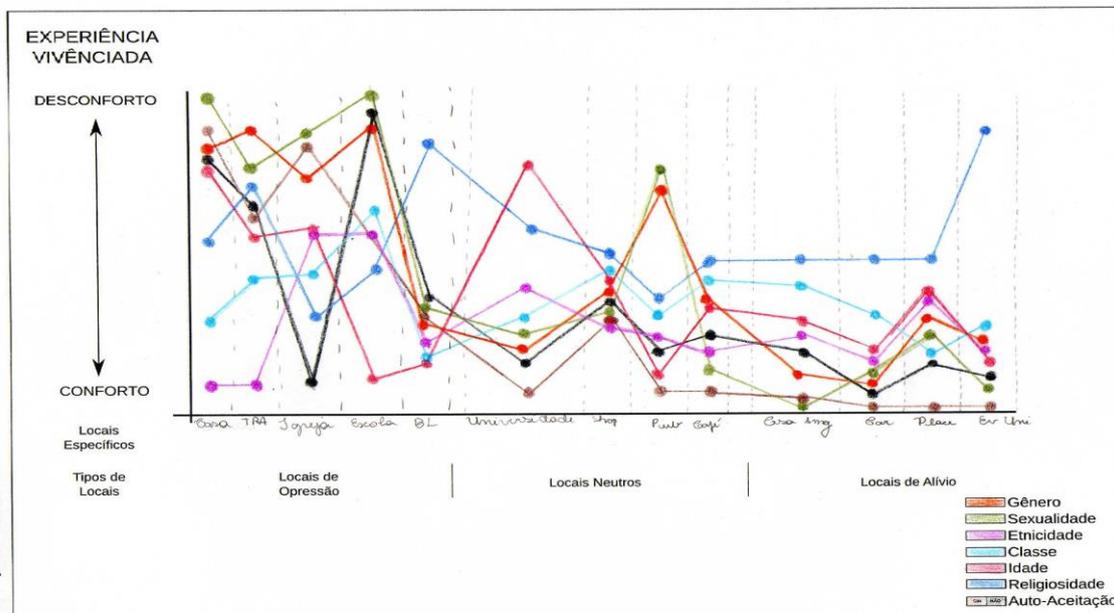


## Relief Maps - Thor



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013)

## Relief Maps - Carlos



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013).

Realização:



Apoio:



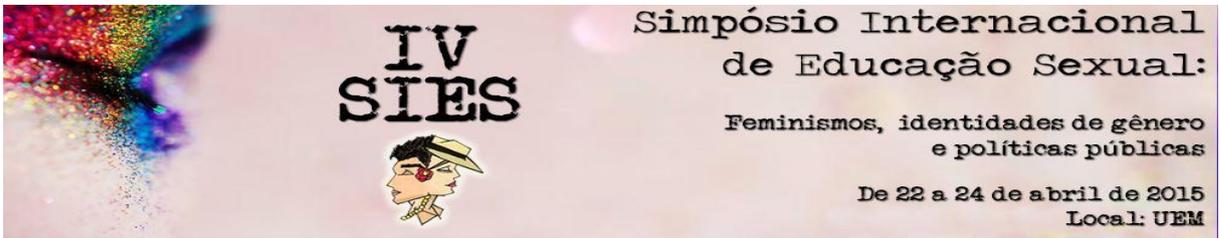
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



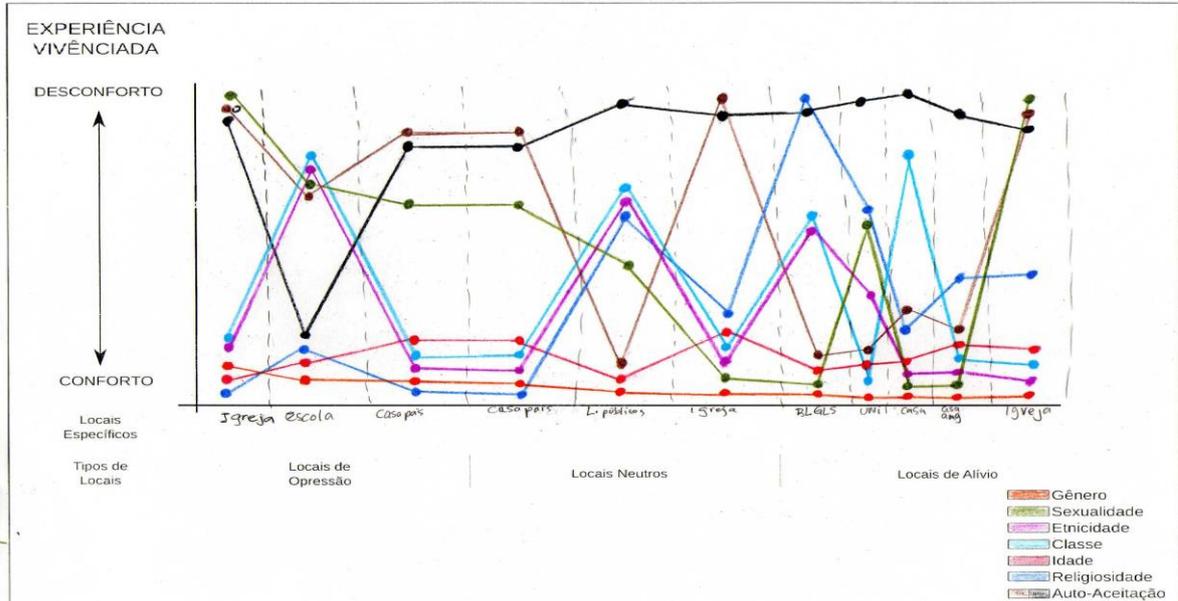
Patrocínio:



PlayBook

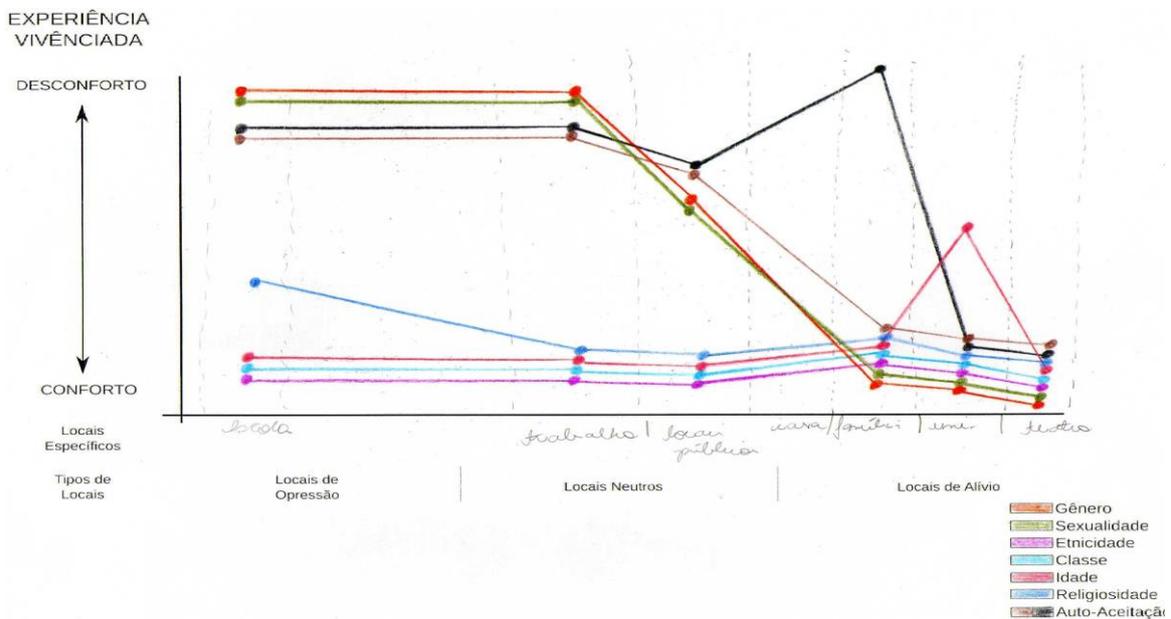


### Relief Maps - Edson



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013)

### Relief Maps - Jorge



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013)

Realização:



Apoio:



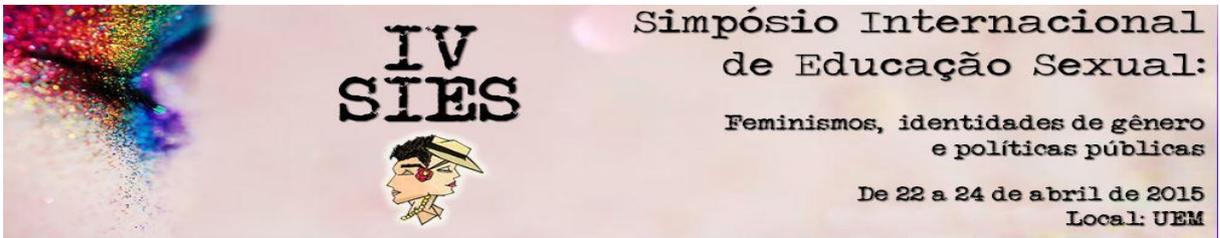
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



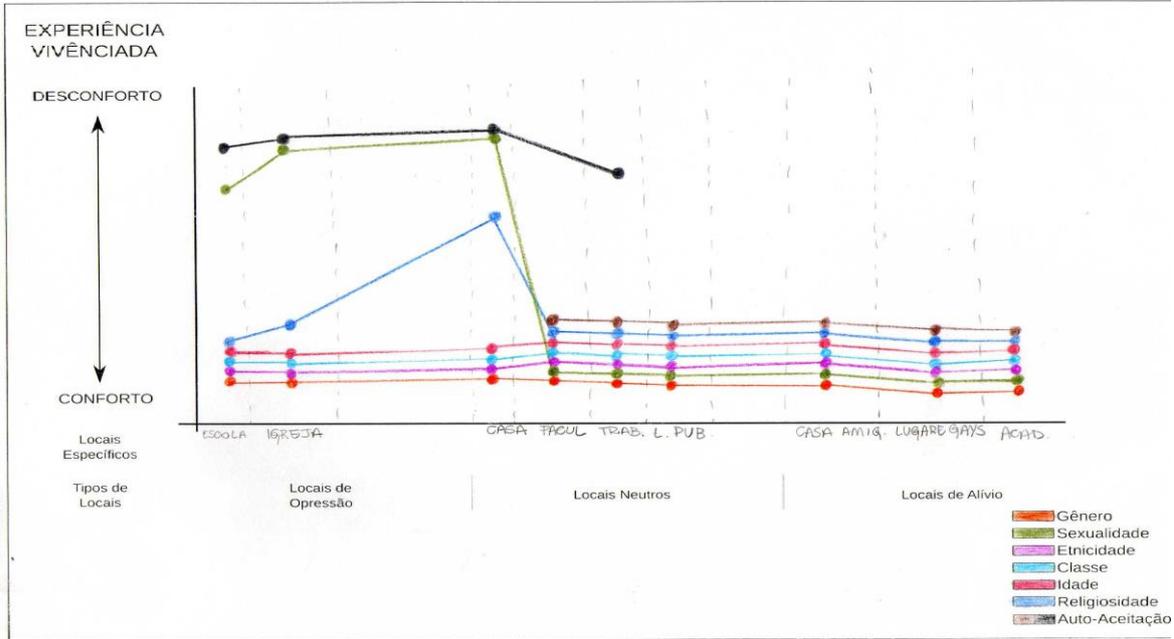
Patrocínio:



PlayBook

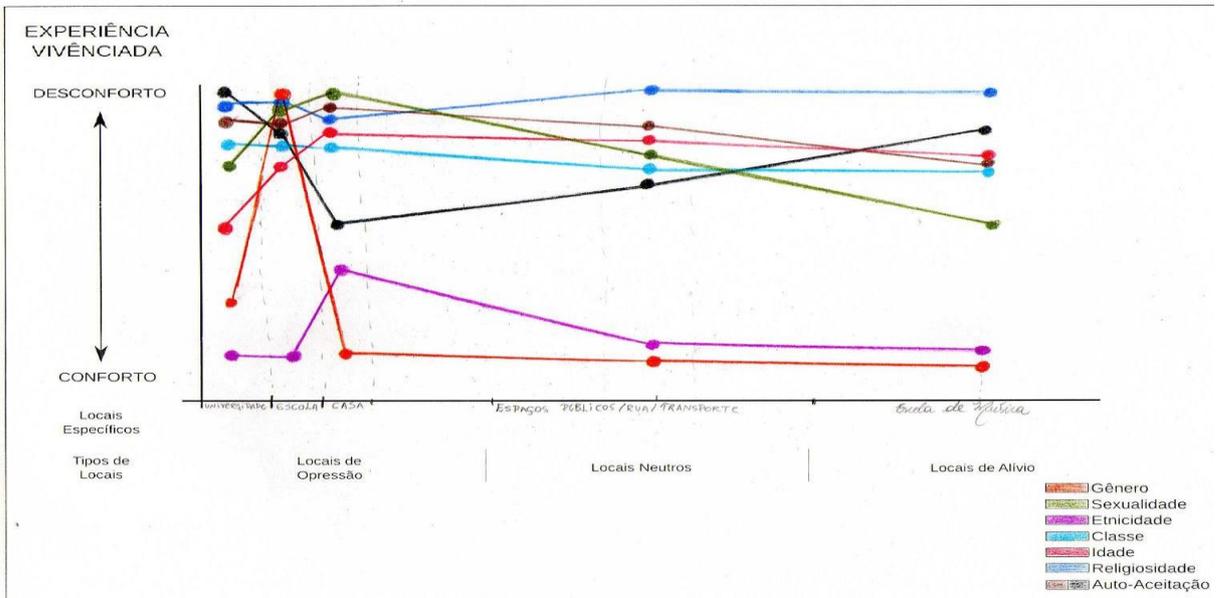


### Relief Maps - Junior



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013)

### Relief Maps -



Fonte: Relief Maps adaptado de Maria Rodó Zárate (2013)

Realização:

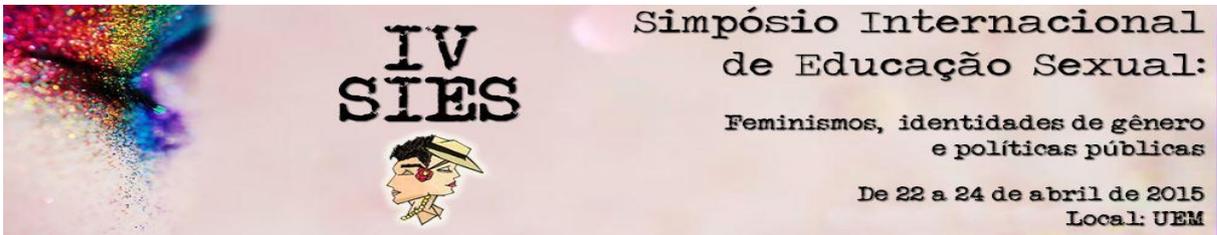


Apoio:



Patrocínio:





Como observado inicialmente neste texto foi discutido como chegamos a essa pesquisa, quando argumentamos sobre a outra pesquisa realizada na escola, constatou-se que a escola é um espaço onde o elemento preconceito está presente e que este, é maior em relação a homossexualidade masculina. Nessa pesquisa atual os seis entrevistados têm entre 18 e 33 anos de idade, são de classe média, 75% se consideram brancos e 25% negros. Ainda, 100% tem acesso a informação como televisão, rádio, jornais e internet. Estes gays vivenciaram a escola entre 2 anos a 15 anos atrás, como é o caso do sujeito com maior idade. Porém, pouco mudou em relação ao preconceito que esses sujeitos sofreram.

Como podemos observar em 100% dos *Relief Maps* construídos pelos sujeitos, a escola é apresentada como um espaço de desconforto pelos sujeitos. Segundo eles, foi na escola que eles perceberam que eram diferentes. Alguns achavam que eram por causa físicas dos seus corpos e seus movimentos corporais, outros por causa de comprometimento com os estudos e ainda, por não seguirem padrões masculinos na escola, como jogar futebol.

Observa ainda a existência de mais dois espaços com maior repetição nos *Relief Maps* pelos gays, a igreja e a casa dos pais. Em seus relatos muitos argumentam que a igreja é um espaço de desconforto, principalmente por causa da religião. Neste caso 75% dos entrevistados são evangélicos, mesmo muitos deles afirmando não assumir sua sexualidade nesses espaços. Um deles conta que ao assumir sua sexualidade, acabou sendo excomungado da igreja.

A casa dos pais é outro espaço citado como de desconforto. Quando os gays afirmam que ao se assumir, sofrem pressões e até mesmo violências físicas por relatar sua sexualidade. Observa que cada *Relief Maps* é único, pois as experiências tanto espaciais quanto sociais são diferentes. Também se evidenciou que cada sujeito compreende de forma diferente suas categorias identitárias. Contudo, existe uma interseção de espaços, ou seja, mesmo as experiências e as relações sociais

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





sendo diferentes há um encontro de espaços onde os sentimentos atribuídos a eles se cruzam, como é o caso da escola, igreja e a casa dos pais.

Evidenciou-se nesse trabalho uma reflexão entre espaço e a interseccionalidade na vivência de gays. Com isso pudemos observar que tanto o espaço quanto a interseccionalidade compõe e são compostos pelos sujeitos. E que esses, passam por muitas transformações em suas trajetórias de vidas mas também, pelos espaços que vivenciam.

Essas mudanças podem ser positivas ou negativas, podendo variar de indivíduo para indivíduo. Para esses sujeitos e para tantos outros, sua vivência aqui compartilhada auxilia na perspectiva de uma Geografia viva e social, que busca compreender todas as diversidades encontradas. Elaborando não só a ciência geográfica mas em todo conhecimento científico formas de combate contra injustiças, invisibilidades e desconfortos. Seja quando promovemos inteligibilidade desses sujeitos mas também, por toda diversidade e realidades que possam aparecer em nossos caminhos acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **El Género En Disputa. El Feminismo y la Subversión de la Identidad**. Barcelona: Paidós, 1999.

CORRÊA, R. Lobato. **O Espaço Urbano**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1993. p 1-16.

CRENSHAW, K. **'Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Colour'**, *Stanford Law Review*, 1991, 43 – 1241

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomáz Tadeu da Solva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. Ou reimpressão.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 96 p.

MASSEY, Dorren. **Pelo Espaço – Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ROSE, Gillian. Performing Space. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 247 – 259.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





SEDGWICK, Eve Kosofski. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu (28), p. 19-54, 2007.

VALENTINE, Gill. (Hetero)Sexing Space: Lesbian Perceptions and Experiences of Everyday Spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 11, p. 395 – 413, 1993.

VALENTINE, Gill. Theorizing and Researching Interseccionalidade: A Challenge for feminist Geography. **The professional Geographer**, Vol.59, nº 1, p. 10-21, 2007

ZÁRATE, Maria Rodó. **Relief Maps: developing Geographies of Intersectionality. (Forthcoming in Gender, Place and Culture)**, Barcelona: Catalonia, no prelo, 2013, p.1 – 32.

## **SPACES AND EXPERIENCES OF THE GAY MENS IN THE CITY OF PONTA GROSSA, PARANÁ**

### **ABSTRACT**

This work seeks to understand how the relationship between spaces and intersectional experience of gay men has enabled them to build feelings between comfortable and / or uncomfortable by spaces experiencing or have experienced in the trajectories of their lives. Through interviews with these subjects and the use of the methodological tool called Relief Maps the intention is to highlight what these spaces and how they occur such feelings. For this, there were six interviews with gay men between 18 and 33 years old, who answered questions socio-informative but also questions regarding their daily experiences. In addition, we performed the construction of their Relief Maps, this methodology helps to deepen this space and intersectional understanding. The intersectionality is understood in this analysis as a key factor in both the Relief Maps as the identities of these individuals because we understand that identities are constituted by different arrangements of identity categories. These categories as sexuality can build different feelings about the spaces, to represent them can reveal the existence of comfort spaces and / or discomfort.

**Key words:** Space; Intersectionality; Sexuality.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook